

o cinema, suas relações com o pensamento e os demais processos psicológicos

cinema, its relationship with thought and other psychological processes

adriana lúcia de escobar
chaves de Barros¹

resumo

Este artigo procura explorar, interdisciplinarmente, as relações existentes entre o cinema, o pensamento e outros processos psicológicos. Através de narrativas, imagens e sons, o cinema nos leva a refletir sobre questões sociais, psicológicas e filosóficas, ao desafiar as nossas ideias preconcebidas e questionar nossas experiências de vida. Para além do entretenimento, o cinema amplia nossa consciência e promove uma compreensão mais profunda do mundo. O cinema está intrinsecamente ligado ao ato de pensar e a outros processos psicológicos, na medida em que promove reflexões e questionamentos. Nesse sentido, o pensamento, a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a afetividade, o sentimento, a consciência, a linguagem e a inteligência permitem-nos interpretar os acontecimentos e transformá-los em vivências. Justifica-se, portanto, aproximar os conceitos sobre o cinema e as funções psíquicas que exercem influência sobre nossas percepções, formação de ideias, regulação das emoções e da construção das representações subjetivas acerca da realidade.

palavras-chave

Cinema; Recursos Cinematográficos; Pensamento; Processos psicológicos; Psique.

abstract

This article seeks to explore, interdisciplinary, the relationships between cinema, thought and other psychological processes. Through narratives, images and sounds, cinema leads us to reflect on social, psychological and philosophical issues, by challenging our preconceived ideas and questioning our experiences of life. Beyond entertainment, cinema broadens our consciousness and promotes a deeper understanding of the world. Cinema is intrinsically linked to the act of thinking and other psychological processes, as it promotes reflection and questioning. In this sense, thought, sensation, perception, attention, memory, affectivity, feeling, consciousness, language and intelligence allow us to interpret events and transform them into experiences. It is therefore justified to bring together concepts about cinema and the psychic functions that influence our perceptions, formation of ideas, regulation of emotions and the construction of subjective representations about reality.

keywords

Cinema; Film Resources; Thought; Psychological processes; Psyche.

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

INTRODUÇÃO

O cinema é uma forma de expressão artística que afeta os nossos pensamentos, percepções e emoções. Por meio das narrativas, imagens e sons, a sétima arte nos leva a refletir sobre questões sociais, psicológicas e filosóficas, estimulando o pensamento crítico, desafiando ideias preconcebidas e fazendo-nos questionar sobre a nossa própria identidade e experiências de vida. Para além da função de entretenimento, o cinema é capaz de ampliar nossa consciência e promover o maior entendimento do mundo (Cabrera, 2006).

Através da linguagem cinematográfica, composta por elementos audiovisuais tais como fotografia, edição, trilha sonora e diálogos, os filmes desafiam os espectadores ao apresentar narrativas de vida e simbolismos, instigando-nos quanto às diversas formas de interpretação. Eles nos convidam a exercitar o pensamento crítico, ao retratar dilemas morais e temas universais complexos, permitindo-nos explorar diferentes significados e considerar outros pontos de vista. Assim, o cinema, como uma forma de arte que promove reflexões e questionamentos, está intrinsecamente ligado ao ato de pensar.

O pensamento é uma função psicológica cognitiva essencial que envolve a percepção, o raciocínio, a solução de problemas, o julgamento, o processamento de informações, a tomada de decisões, a formação de conceitos e hipóteses, além de outras atividades psíquicas. Ao assistir a um filme, os espectadores são levados a engajar suas habilidades de pensamento crítico, avaliar as ações dos personagens, compreender as relações entre os eventos e interpretar os significados simbólicos presentes, nos diálogos, imagens, enredos, sequências de cena e em todos os recursos disponíveis.

Para tal, durante a experiência cinematográfica, outros processos psicológicos, além do pensamento, são acionados. A percepção, por exemplo, é aguçada devido à natureza visual e auditiva do cinema, permitindo a absorção e interpretação das informações apresentadas na tela. As emoções são despertadas pelos estímulos emocionais presentes nas histórias e representações visuais, provocando impacto psicológico e físico nos espectadores. A memória armazena informações sobre personagens e enredos, como também evoca recordações afetivas e sensoriais, através de cenas e sequências que trazem à tona lembranças pessoais e coletivas, que influenciarão as nossas impressões sobre o filme.

Assim, embora frequentemente apresentados separadamente para fins didáticos, os processos psicológicos, como o pensamento, a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a afetividade, o sentimento, a consciência, a linguagem e a inteligência, não ocorrem isoladamente. Ao contrário, estão interligados e influenciam-se mutuamente, atuando em conjunto para permitir a nossa interpretação dos acontecimentos. A compreensão dessa interdependência e de como os processos psicológicos acontecem na mente humana, ou seja, na psique, é fundamental para entendermos como apreendemos o mundo ao nosso redor.

A psique influencia a maneira como percebemos as nossas experiências, selecionamos e interpretamos informações sensoriais, categorizamos e organizamos essas informações na mente, formamos pensamentos e ideias, regulamos as emoções, desenvolvemos narrativas e construímos representações complexas e subjetivas da realidade. Nesse sentido, por ser o cinema uma forma de expressão singular, que vai além da simples representação do real, ao ativar os nossos processos psíquicos, essa arte é capaz de provocar rupturas com lógicas convencionais, oferecendo novas perspectivas e expandindo as possibilidades de compreensão do mundo e de nós mesmos (Luria, 1986; 1992; 2010).

Diante do exposto, este estudo interdisciplinar tem como objetivo discorrer sobre o cinema, suas relações com o pensamento e os demais processos psicológicos, procurando ampliar os entendimentos sobre o tema, de forma multidimensional e por meio de conceitos e autores pertinentes às áreas de Letras, Artes, Filosofia e Neuropsicologia. Trata-se de uma discussão introdutória ao tema que ainda será explorada em futuras pesquisas de pós-graduação.

OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS, A PSIQUE E SUAS RELAÇÕES COM O CINEMA

No contexto da Neuropsicologia, os estudos dos processos psicológicos buscam estabelecer conexões entre os comportamentos humanos e os aspectos mentais que os desencadeiam, reconhecendo que a percepção, a interpretação e a estruturação do universo estão intrinsecamente ligadas aos nossos processos mentais, crenças, valores e vivências. Dessa maneira, compreender como eles agem em nossa psique estende o entendimento sobre o impacto das experiências na forma subjetiva como cada pessoa interage com o ambiente, consigo mesma, com os outros e com o mundo ao seu redor (Luria, 1986; 1992; 2010).

Os conceitos, definições e a própria seleção desses processos mentais variam de acordo com as diferentes teorias e abordagens da Neuropsicologia. Vygotsky (1984; 1989), por exemplo, utiliza o termo “processos psicológicos superiores” para descrever as ações voluntárias realizadas pelo ser humano com a ajuda de um instrumento mediador. Um exemplo disso é a linguagem, que pode ser considerada uma função mental superior, uma vez que o indivíduo verbaliza seus pensamentos por meio da utilização da língua.

Neste artigo, no entanto, relacionamos o cinema ao pensamento, à sensação, à percepção, à atenção, à memória, à afetividade, ao sentimento, à consciência, à linguagem e à inteligência, sem distinção quanto às suas naturezas básica ou elementar, superior ou complexa. Partimos do princípio que essas funções mentais, ou processos psicológicos, indistintamente, são desenvolvidos por meio das experiências e interações com o meio ambiente, e que apesar de suas características próprias, encontram-se interrelacionados, dependendo uns dos outros na dinâmica da nossa psique.

A psique é frequentemente utilizada para se referir à totalidade dos processos mentais e psicológicos que ocorrem em um indivíduo. No que diz respeito às representações da realidade, a psique permite o indivíduo perceber, interpretar e dar significado ao mundo à sua volta, com base em suas experiências, crenças, emoções e processos cognitivos. Consequentemente, a realidade captada por ela nunca é objetiva e precisa, uma vez que nossas percepções e representações do real são construções subjetivas que podem ser influenciadas por fatores individuais, culturais e contextuais (Luria, 1986; 1992; 2010).

Essas representações são formadas por meio dos processos perceptivos, cognitivos e emocionais, que filtram e interpretam as informações sensoriais que cada pessoa recebe do ambiente (Luria, 1986; 1992; 2010). Assim sendo, o sujeito interpreta e representa o mundo de maneira singular, com base em suas experiências, valores e crenças. Sob esse ponto de vista, os filmes estabelecem vínculos emocionais com sua audiência de maneira única. Através de narrativas que ressoam e personagens com os quais os espectadores se veem refletidos, as experiências cinematográficas provocam reações distintas e variam de indivíduo para indivíduo. (Metz, 1972). Em suas palavras,

[...] (C)como entender os filmes [...] sem possuir de algum modo um saber relativo aos valores simbólicos das imagens visuais: imagens dos sonhos, da memória, da vida afetiva, imagens da vida cotidiana com todos os seus prolongamentos implícitos em cada sociedade e em cada época? (Metz, 1972, p. 202).

Nessa perspectiva, através das linguagens visual, sonora e narrativa do cinema, os espectadores são conduzidos por experiências sensoriais e cognitivas que são cuidadosamente orquestradas. A forma como a narrativa é estruturada, juntamente com o uso estratégico de recursos visuais e sonoros, atua sobre a percepção e o pensamento do público de maneira única. Esses elementos são projetados não apenas para entreter, mas também para provocar, desafiando os espectadores a verem além da superfície da história apresentada.

Essa interação estimula uma introspecção, onde as representações na tela servem como um espelho para a realidade dos espectadores, encorajando-os a refletir sobre suas próprias experiências, valores e crenças. Esse processo de reflexão é intensificado pelo desafio à percepção usual do espectador, pois ao confrontar e expandir as fronteiras do que é percebido, o cinema convida a um questionamento mais profundo sobre a própria existência e a realidade circundante.

Segundo Metz (1972), é essa capacidade do cinema de desencadear uma reconsideração das percepções e, conseqüentemente, promover uma reflexão mais aprofundada sobre a realidade pessoal do espectador, que destaca seu valor como forma de arte e veículo de comunicação. Assim, o cinema desempenha um papel significativo na construção das identidades coletivas e individuais do seu público. Os filmes podem oferecer uma fonte de identificação e inspiração para a plateia, possibilitando-lhe explorar diferentes perspectivas e possibilidades de ser e agir.

O CINEMA, SUAS RELAÇÕES COM O PENSAMENTO E OS DEMAIS PROCESSOS PSICOLÓGICOS

O cinema desempenha um papel fundamental na expansão das fronteiras da consciência e da compreensão sobre as sociedades, uma vez que estimula a criticidade e a criatividade; expõe os espectadores a uma variedade de perspectivas; provoca a reflexão sobre questões sociais, políticas e filosóficas, como também inspira a busca de novos conhecimentos.

Conforme Deleuze (2013; 2018), filósofo francês contemporâneo, o cinema é uma forma de arte que transcende a mera representação da realidade, pois, possuindo uma linguagem própria, para além das palavras, é constituído de montagem, movimento e tempo. Nas palavras do autor, a imagem-movimento é “o corte móvel de uma duração” (Deleuze, 2018, p. 44). Ele argumenta que os filmes têm o potencial de criar novas perspectivas do que é real, por meio de imagens-movimento e imagens-tempo, que desafiam a concepção temporal linear e rompem com a noção tradicional de passado, presente e futuro, convidando os espectadores a refletirem sobre as múltiplas temporalidades coexistentes, como o tempo subjetivo, o tempo da memória e o tempo do devir.

Sob a perspectiva deleuziana, ao explorar as diversas possibilidades da imagem e do movimento, o cinema nos leva a rever a relação entre pensamento, percepção e realidade, através de planos, cortes e enquadramentos exibidos nos filmes em múltiplas dimensões, ambiguidades e possibilidades interpretativas. Com isso, os cineastas tornam-se pensadores que utilizam a câmera e todos os outros elementos cinematográficos como ferramentas de expressão de novas ideias e conceitos, estimulando a liberdade interpretativa e a participação ativa dos espectadores na criação e no pensamento. Nesse sentido, a imagem na linguagem cinematográfica consiste em

[...] algo poderoso demais, ou injusto demais, mas às vezes também belo demais, e que, portanto, excede nossas capacidades sensorio-motoras. Stromboli: uma beleza grande demais para nós, como uma dor demasiado forte. Pode ser uma situação limite, a erupção de um vulcão, mas também o mais banal, uma mera fábrica, um terreno baldio (Deleuze, 2013, p. 29).

Na esfera do pensamento enquanto um processo psicológico, Myers (2015), psicólogo social americano, destaca as capacidades mentais de resolução de problemas, tomada de decisões e geração de ideias. O autor explora como usamos a lógica, a criatividade e a crítica para analisarmos informações, desenvolvermos conceitos e chegarmos a conclusões. Observamos, portanto, que cinema e pensamento estão profundamente entrelaçados, tanto na ação dos cineastas, quanto na participação ativa e interpretativa dos espectadores. Nesse sentido, a abordagem de Deleuze (2013; 2018) sobre o cinema nos ajuda a compreender essa relação de forma mais ampla.

Na reflexão proposta por Deleuze (2013; 2018), o cinema emerge não apenas como uma forma de arte, mas como um veículo de pensamento crítico e filosófico, onde os cineastas, ao empregar a câmera e os elementos cinematográficos, transcendem a mera narrativa visual para se tornarem arquitetos de ideias e conceitos inovadores. Essa abordagem transforma o ato de assistir a um filme em uma experiência participativa, onde a liberdade interpretativa do espectador é não apenas incentivada, mas essencial. Ao serem confrontados com obras que desafiam convenções e apresentam narrativas complexas e ambíguas, os espectadores são impelidos a utilizar suas capacidades cognitivas e criativas para desvendar significados e estabelecer conexões pessoais com o filme.

Essa dinâmica de engajamento ativo ressoa com as observações de Myers sobre o pensamento enquanto processo psicológico, enfatizando como utilizamos a lógica, a criatividade e a criticidade para interpretar e integrar informações. Portanto, ao situar o cinema no contexto do pensamento, conforme explorado por Deleuze, percebemos como a experiência cinematográfica se alinha com os processos mentais destacados por Myers (2015). O cinema, assim, se configura como um campo fértil para o exercício e desenvolvimento das nossas capacidades de resolução de problemas, tomada de decisões e geração de ideias, evidenciando a natureza profundamente interativa e colaborativa entre cineastas e espectadores na criação conjunta de significado e conhecimento.

Cabrera (2006), filósofo argentino contemporâneo, também enfatiza o papel ativo dos criadores cinematográficos e o dos espectadores quanto ao processo mental do pensamento, em relação ao cinema. Para o autor (2006), essa arte consiste em um diálogo entre a obra e os espectadores, uma experiência compartilhada, um encontro entre a imaginação do cineasta e a interpretação do público, que é desafiado a engajar-se ao filme, extrapolando os significados apresentados na tela e criando suas próprias conexões.

Em sua obra *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*, Cabrera (2006) afirma que o cinema nos permite experimentar o mundo de forma ampliada. Ele postula que o cinema expande nossa percepção do tempo, do espaço e das possibilidades da experiência humana, portanto, não se trata de um entretenimento passivo, mas de uma plataforma de reflexão crítica sobre questões sociais, políticas e existenciais, que tem a capacidade de revelar aspectos ocultos da condição humana e aumentar a compreensão sobre a complexidade da existência do homem. Por meio da montagem, da edição e da cinematografia, o cinema cria uma realidade peculiar, que nos provoca a repensar sobre nossas concepções prévias e a expandi-las. Em suas palavras,

[...] (O)os filósofos cinematográficos sustentam que algumas dimensões da realidade não podem simplesmente serem ditas e articuladas logicamente para que sejam entendidas, mas devem ser apresentadas sensivelmente, pela compreensão “logopática”, racional e afetiva ao mesmo tempo. Essa apresentação sensível deve produzir algum tipo de impacto em quem estabelece um contato com ela. E por meio dessa apresentação sensível impactante, são alcançadas certas realidades que podem ser defendidas com pretensões de verdade universal, como experiências fundamentais ligadas à condição humana, com sentido cognitivo. (Cabrera, 2006, p. 21)

É importante ressaltar que, ao compreender o cinema como uma construção narrativa se reconhece que, embora a equipe responsável pela produção de um filme faça escolhas específicas, selecionando determinadas cenas em detrimento de outras, decidindo utilizar música em uma cena e não em outra, entre outros aspectos, os produtores não sabem exatamente qual será o impacto do produto final quando exibido ao público.

Cabrera (2006) também ressalta que o cinema nos confronta com questões éticas e morais, fazendo-nos refletir sobre nossas ações, crenças e valores. O cinema desafia nossas convicções, questiona nossos valores, confronta nossos próprios preconceitos, desperta empatia e coloca-nos diante de dilemas morais e éticos complexos, que promovem o pensamento crítico, reflexivo, simbólico e transformador.

Para o autor (2006), a linguagem cinematográfica é uma forma de expressão única, pois utiliza-se de técnicas de edição, enquadramento, iluminação e trilha sonora para comunicar ideias, narrativas e significados. Segundo ele, a linguagem cinematográfica permite ao espectador acessar informações e significados, criando oportunidades para formularmos entendimentos, questionamentos e intuições sobre o que está sendo vivenciado na tela. Além disso, a linguagem cinemática e as imagens visuais nos desafiam a interpretar e decifrar símbolos e metáforas, ampliando nossa capacidade de pensamento simbólico e abstrato.

A linguagem como um processo psicológico nos torna capazes de compreender e expressar pensamentos e ideias por meio de símbolos linguísticos de forma verbal e não-verbal (Myers, 2015). Sob essa ótica, o cinema possui uma linguagem própria, que se baseia em elementos visuais, sonoros e narrativos para imprimir significados e provocar emoções nos espectadores. Uma das características fundamentais da linguagem do cinema é a sua capacidade de contar histórias visualmente. Ao contrário da linguagem escrita, o cinema utiliza imagens dinâmicas para transmitir informações, e emoções. Por meio da combinação das composições visuais e sonoras, do enquadramento, do movimento de câmera e de outros recursos cinematográficos, o cinema cria uma narrativa própria.

Sob essa ótica, Carrière (2015) afirma que os diretores se utilizam de metáforas visuais, alegorias e simbolismos para comunicar mensagens sutis e complexas, e, portanto, os filmes devem ser interpretados como um sistema codificado de símbolos, já que seus significados vão além do que está aparentemente exposto. O autor (2015) destaca que os espectadores, quando ativos e atentos, conseguem perceber os diferentes níveis de significados implícitos nas imagens e sons do filme e apreciar a riqueza e a profundidade da linguagem cinematográfica. Correlacionando tal fato aos conceitos da Neuropsicologia, defendemos a importância da participação ativa e da atenção que, enquanto processo psicológico, é definida como a capacidade cognitiva de focarmos conscientemente a nossa mente em estímulos específicos e direcionarmos o foco para determinados aspectos do ambiente ou das informações, filtrando o que é relevante e ignorando o que é considerado irrelevante (Kandel, 2009).

De acordo com esse raciocínio, percebemos a relação significativa existente entre o cinema e a atenção. Para Davidoff (1983), vários fatores podem interferir na atenção, como por exemplo, o contexto em que o indivíduo está inserido e as características dos estímulos, das expectativas, da motivação, do estado emocional e das experiências vivenciadas pelo sujeito. Sobre isso, o cinema utiliza diversas técnicas para direcionar, controlar e manter a atenção dos espectadores, levando-os a se envolverem profundamente com a narrativa e os personagens apresentados na tela.

A arte da direção, quanto à escolha das locações, à seleção dos atores e à construção do ambiente cênico são aspectos que podem influenciar a capacidade de manter o interesse e a atenção do público. Além disso, a montagem, a sequência das cenas e a velocidade das transições são manipuladas para criar ritmo e impacto visual. Os cortes rápidos e

a alternância entre planos aproximados e gerais contribuem para capturar a atenção do espectador e criar uma sensação de movimento e dinamismo.

Para Carrière (2015), o cinema é capaz de criar uma relação direta com o inconsciente do espectador, com suas emoções e pensamentos. Ele discute como o movimento das imagens na tela, a música e os efeitos sonoros constituem linguagens não verbais poderosas, capazes de evocar respostas subconscientes. Além disso, ele destaca a importância do tempo e do espaço no cinema, enfatizando como a montagem e a edição das películas podem influenciar a forma como percebemos e interpretamos a narrativa. Para Carrière (2015), a sequência de planos, a duração de cada cena e as relações espaciais criadas são essenciais para a construção de significado e o impacto emocional do filme.

Ele (2015) também destaca a importância do cinema como uma forma de contar histórias, um meio pelo qual as complexidades e contradições do mundo podem ser explorados. Ele ressalta que as histórias cinematográficas, muitas vezes, retratam dilemas morais, conflitos sociais ou mesmo questões filosóficas profundas, que desafiam os espectadores a confrontar e problematizar suas crenças e valores. Diante disso, o cinema é capaz de ampliar nossos horizontes e nos colocar frente a novas culturas, realidades e formas de pensamento, convidando-nos a adquirir uma compreensão mais ampla das experiências humanas.

De acordo com Merleau-Ponty (1983), filósofo fenomenológico francês, a experiência perceptiva é essencial para a compreensão do mundo e, nesse sentido, o corpo humano desempenha um papel central nesse processo. Para ele, “é através da percepção que podemos compreender a significação do cinema: não se pensa o filme, percepçiona-se” (Merleau-Ponty, 1983. p. 104). O autor (1983) defende que a percepção não é uma atividade puramente cognitiva, mas uma assimilação ativa de informações sensoriais com base em nossos corpos e contextos culturais. No cinema, o corpo do espectador reage às imagens e sons apresentados na tela, gerando uma resposta corporal e emocional às experiências cinematográficas, ou seja, “[...] o cinema está particularmente apto a tornar manifesta a união do espírito com corpo, do espírito com o mundo e a expressão de um, dentro do outro” (Merleau-Ponty, 1983, p. 116).

Merleau-Ponty (1983) afirma que o cinema cria uma ilusão de realidade através das imagens em movimento, da trilha sonora e da edição, ampliando a nossa experiência perceptiva e proporcionando uma nova maneira de nos relacionarmos com o nosso entorno. Assim, imerso em uma experiência sensorial e perceptual intensificada, o espectador é desafiado a interpretar as imagens, a se engajar com os temas apresentados e a refletir sobre suas próprias emoções, ideias e percepções. Sob esse ponto de vista, a arte do cinema e a reflexão filosófica habitam um espaço de mútua influência, sem que uma preceda a outra em importância. Assim, existe uma conexão profunda entre o ato de ver e o processo de pensamento, permitindo que o observador se veja refletido nas imagens projetadas e compreenda o cinema como uma exploração ontológica da sua própria existência (Merleau-Ponty, 1983, p. 117).

Para Myers (2015), a função psicológica da percepção envolve a forma como selecionamos e organizamos as informações sensoriais do ambiente, por meio de estímulos sensoriais como visão, audição, olfato, paladar e tato. O processo de percepção no cinema envolve a interpretação das informações visuais e sonoras apresentadas na tela. É nesse aspecto que o cinema utiliza técnicas específicas para influenciar a percepção dos espectadores. Os planos de câmera e os ângulos de filmagem, a iluminação, as cores, o design de produção e outros recursos cinematográficos são minuciosamente planejados a fim de estimularem a nossa percepção em relação ao clima, à atmosfera e ao significado emocional das cenas.

Nessa mesma direção, Metz (1972) analisa a linguagem cinematográfica e seus efeitos nos processos cognitivos e interpretativos dos espectadores. Em sua opinião, trata-se de uma forma de linguagem que usa a imagem em movimento para criar significados. Segundo o autor, “no cinema, a impressão de realidade é também a realidade da impressão, a presença real do movimento” (Metz, 1972, p. 22). Sua abordagem enfatiza a importância da identificação e do prazer estético na relação entre cinema e pensamento. Seu trabalho contribui para uma compreensão mais profunda dos mecanismos e implicações do cinema como uma forma de expressão emocional e intelectual.

A inteligência enquanto processo psicológico é a capacidade de raciocinar, compreender, aprender, resolver problemas e adaptar-se ao ambiente, abrangendo habilidades como memória, pensamento e linguagem (Myers, 2015). Complementando, Bear, Connors e Paradiso (2008, p. 618) afirmam que “a linguagem representa um sistema notável para a comunicação e obviamente possui um enorme impacto em nossas vidas [...] mais do que apenas sons, a linguagem é um sistema pelo qual sons, símbolos e gestos são utilizados para a comunicação.” Sendo assim, o cinema relaciona-se ao processo psicológico da inteligência, principalmente quando apresenta narrativas complexas e desafios intelectuais que estimulam as atividades cognitivas dos espectadores, fazendo-os refletir, analisar e interpretar os eventos e significados apresentados na tela.

Quanto à inteligência emocional, o cinema é capaz de estimular as emoções humanas de maneira profunda, levando os espectadores a refletirem sobre seus próprios sentimentos e os dos outros. Quanto à inteligência social, os filmes que retratam relações humanas complexas, questões sociais e dilemas éticos, convidam os espectadores a considerar diferentes pontos de vista e a ampliar entendimentos sobre as dinâmicas sociais e dos relacionamentos interpessoais.

Nessa ótica, Metz (1980) defende que o cinema evoca identificação e empatia, fazendo com que o espectador se envolva emocional e intelectualmente com a narrativa, ao mesmo tempo que a experiência cinematográfica é uma troca entre o espectador e o filme, sobre o qual o público atribui significado com base em seus imaginários, experiências e conhecimentos. De acordo com o autor, “no cinema [...] o representado é por definição imaginário; é o que caracteriza a ficção como tal, independente dos significantes utilizados” (Metz, 1980, p. 79).

Metz (1980) explora os elementos semânticos e simbólicos presentes na linguagem cinematográfica, examinando como o cinema comunica significados e constrói narrativas por meio de suas estruturas formais e características técnicas. Ele propõe que o cinema possui seu próprio sistema de signos, semioticamente estruturado, mas que funciona de forma similar à linguagem verbal, pois assim como palavras formam frases e textos, as imagens cinematográficas são combinadas para formar sequências e enredos narrativos.

Metz (1980) destaca o conceito de prazer cinematográfico, alegando que o cinema oferece um prazer estético que deriva da percepção de estruturas narrativas e simbólicas e da experiência sensorial, emocional e afetiva proporcionada pelos filmes. Esse prazer cinematográfico está ligado à nossa capacidade de sentir a experiência cinematográfica. De acordo com Myers (2015), a sensação envolve a percepção inicial dos estímulos e a transmissão das informações sensoriais para o cérebro. A sensação é fundamental no cinema, pois contribui para a imersão e a experiência emocional dos espectadores. O cinema busca não apenas contar histórias, mas envolver os espectadores de forma sensorial, despertando diferentes impressões e estimulando os sentimentos e a afetividade.

A afetividade, enquanto processo psicológico, está relacionada às reações subjetivas que temos em relação a certos estímulos, eventos ou situações, abrangendo a interação entre fatores cognitivos, fisiológicos e comportamentais (Myers, 2015). Nesse sentido, o cinema utiliza uma combinação de elementos visuais, sonoros e narrativos

para evocar respostas emocionais nos espectadores, podendo servir como uma forma de catarse emocional, permitindo que os espectadores se envolvam emocionalmente com personagens e situações, liberando sentimentos reprimidos ou não expressos.

O cinema, portanto, é uma forma de expressão artística capaz de explorar os sentimentos humanos de maneira profunda e intensa. Ao assistir a um filme, os espectadores conectam-se aos personagens, vivenciando suas jornadas e encontrando ressonância com suas próprias experiências e sentimentos. O sentimento, por sua vez, é o aspecto emocional da experiência humana, ou seja, respostas subjetivas às situações e eventos, podendo variar desde emoções básicas, como alegria, tristeza, raiva e medo, até sentimentos mais complexos e nuances emocionais (Myers, 2015). Sendo assim, um filme romântico pode despertar sentimentos de amor, nostalgia ou saudade, enquanto um filme de suspense pode provocar ansiedade, tensão e medo, da mesma forma que um filme de comédia pode desencadear risos e uma sensação leve de felicidade.

Metz (1980) discute a importância da montagem e do ritmo cinematográfico na criação de sentidos, discorrendo sobre como a sequência temporal das imagens, a edição e a combinação de diferentes planos podem influenciar a forma como o público interpreta e atribui significado às cenas. De acordo com ele, o cinema permite “a constatação evidente de que é o homem que faz o símbolo” e “que é o símbolo que faz o homem” (Metz, 1980, p. 27). O autor (1980) traz o conceito de *grande sintagma*, que se refere à estrutura narrativa do filme como um todo, argumentando que o filme é composto por diferentes elementos como personagens, objetos, espaços e tempo, que se relacionam entre si, criando uma rede de significados.

Metz (1972) enfatiza a importância do espectador no ato de interpretação do filme e introduz o conceito de discurso cinematográfico para descrever a estrutura narrativa e simbólica do filme. Como advoga, o cinema é um meio semiótico complexo, que requer a participação ativa do espectador na atribuição de significados. Os espectadores preenchem as lacunas entre as imagens e constroem seu próprio sentido a partir dos signos audiovisuais apresentados e seus conteúdos internos armazenados na memória.

A memória é o processo psicológico que envolve a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações, por meio da codificação (processo de aprender), a retenção (processo de manter informações) e a recuperação (processo de lembrar informações armazenadas) (Myers, 2015). O cinema desempenha um papel significativo na relação com a memória, na medida em que é capaz de evocar lembranças pessoais e coletivas, criando experiências sensoriais que estão gravadas na mente das pessoas.

Em outra dimensão, Benjamin (2008), filósofo e crítico cultural alemão do século XX, aborda o potencial político do cinema, afirmando que se trata de uma ferramenta revolucionária fundamental no contexto da cultura moderna, uma vez que promove mudanças sociais e culturais e instiga os espectadores a encontrarem outras possibilidades sobre a realidade dada. O cinema, na sua visão, tem o potencial de emancipar as massas de uma cultura passiva e alienada, ao oferecer uma experiência visual e sensorial que desperta a consciência crítica, ao revelar aspectos velados da vida cotidiana de cunhos sociais, políticos e históricos. Ao desafiar as narrativas dominantes, o cinema torna-se uma forma revolucionária de arte, que, dependendo da proposta, pode até estimular a reflexão filosófica social e despertar a consciência crítica.

A consciência enquanto processo psicológico consiste na capacidade de estar ciente de si mesmo, dos outros e do ambiente ao redor, incluindo a percepção do próprio corpo, a autoconsciência, a atenção direcionada e a capacidade de processar informações conscientemente (Myers, 2015). O cinema desempenha um papel importante na ampliação da consciência dos espectadores. Além disso, traz à tona questões sociais e culturais, oferecendo um olhar crítico sobre diferentes aspectos da sociedade. Por meio

de histórias e personagens, o cinema pode abordar questões como desigualdade, injustiça, discriminação, violência e problemas ambientais, convidando os espectadores a refletirem sobre eles e a questionarem suas próprias visões de mundo.

Morin (2003), sociólogo e filósofo francês, argumenta que o cinema não apenas reflete a sociedade, mas a influencia e a transforma. De acordo com o autor (2018), o cinema oferece uma visão ampla e pluralista da realidade, ao apresentar diferentes perspectivas, experiências e pontos de vista. Por meio da expressão cinematográfica, podemos expandir nossa percepção, superar nossas limitações e desenvolver um olhar mais consciente e crítico do mundo. Em seu livro *A alma do cinema*, Morin (2003) destaca o valor artístico e cultural do cinema, enfatizando sua capacidade de despertar emoções, desafiar preconceitos e ampliar a compreensão da condição humana. Para ele, o cinema promove “verdadeiras transferências entre a alma do espectador e o espetáculo na tela” (Morin, 2003, p.154), Morin (2003) explora os mecanismos subjacentes ao fascínio exercido pelo cinema, introduzindo-nos aos conceitos de “projeção-identificação”, “participação afetiva” e “participação cinematográfica” (p. 145-172). Ele afirma que através da identificação emocional com personagens e situações apresentadas na tela, somos desafiados a refletir sobre nossas próprias emoções, valores e experiências.

Morin (2003) destaca o poder narrativo do cinema como uma forma de estimular o pensamento reflexivo. Segundo ele, o cinema é “um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme. Um sistema que tende a integrar o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador” (Morin, 2003, 161). Morin (2003) acredita que as histórias e narrativas cinematográficas têm o potencial de nos transportar para mundos imaginários, nos desafiando a questionar e a reavaliar as normas, regras e ideias estabelecidas em nossa sociedade. Sua abordagem nos convoca a experimentar o cinema como uma forma de arte e expressão que pode ser transformadora e impactante, tanto no nível individual, quanto no coletivo. Morin (2003) explora a dimensão artística e cultural do cinema, analisando como ele se conecta com a experiência humana e a sociedade.

O autor (2003) explora a capacidade do cinema de nos levar a uma experiência sensorial, emocional e intelectual intensa. Ele (2003) destaca que o cinema pode despertar emoções profundas, questionamentos e reflexões sobre a vida, a morte, o amor, a injustiça e muitos outros aspectos da existência humana. Em suas palavras, “[...] todos os fenômenos do cinema tendem a conferir subjetividade à imagem objetiva” (Morin, 2003, p. 150). Ele explora como o cinema nos leva a refletir sobre a condição humana, desafiar conceitos estabelecidos e estimular nossos pensamentos críticos e reflexivos. Morin (2003) apresenta o cinema como uma forma de resistência e transformação social, por meio da sua capacidade intrínseca de questionar a ordem estabelecida, revelar as injustiças sociais, criticar a opressão e promover a conscientização e a mudança.

O cinema tem uma relação intrínseca com o pensamento, como também com os demais processos psicológicos, pois tem o poder de influenciar as nossas emoções, percepções, intelecto e memórias (Morin, 2003). Através da narrativa cinematográfica, somos desafiados a refletir sobre temas complexos e a vivenciar diferentes perspectivas, o que amplia a nossa compreensão do mundo e dos outros. O cinema, portanto, não apenas entretém, mas também provoca a nossa psique, ativando nossos processos mentais psicológicos e contribuindo para nosso contínuo crescimento e autodescoberta.

No entanto, ao considerar a vastidão e diversidade do cinema, é imperativo reconhecer que nem todos os estilos e gêneros cinematográficos exercem o mesmo impacto no que tange ao estímulo para o crescimento pessoal e a autodescoberta. Embora o cinema, em sua essência, possua a capacidade de provocar, questionar e expandir nossa percepção, certas formas de cinema possuem um potencial intrínseco mais acentuado para fomentar essa jornada de introspecção e aprendizado.

Filmes que se debruçam sobre questões complexas, explorando as profundezas da condição humana, psicologia dos personagens e dilemas morais, como os encontrados no cinema arte, dramas profundos ou documentários investigativos, tendem a propiciar uma rica tapeçaria para a reflexão e o questionamento, incentivando o espectador a transcender a experiência passiva e mergulhar em processos de pensamento mais elaborados. Em contrapartida, o cinema de entretenimento massificado, embora valioso por suas próprias méritos e capaz de oferecer momentos de significado e conexão, pode não sempre desafiar o espectador a esse mesmo grau de engajamento mental e emocional.

Desta forma, ao refletir sobre a influência do cinema em nosso desenvolvimento pessoal, é importante considerar a natureza da obra cinematográfica e sua abordagem em relação à narrativa, à complexidade dos personagens e ao tratamento de temas que ressoam de maneira profunda com as experiências humanas universais. Assim, a contribuição de diferentes tipos de cinema para a autodescoberta e o crescimento se revela dependendo significativamente da interação entre a obra e as predisposições, experiências e abertura do espectador para se engajar profundamente com o conteúdo apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou ampliar a nossa compreensão sobre a interação entre o cinema, o pensamento e outros processos psicológicos, pois reconhecemos a influência profunda que o cinema exerce sobre nossa cognição, emoção e percepção de mundo, ao promover um pensamento crítico e reflexivo, e ao incentivar os espectadores a questionar suas suposições e a expandir suas perspectivas. Ao mergulharmos no universo cinematográfico, somos convidados a nos engajar em uma jornada que vai além do entretenimento, desencadeando processos mentais que nos fazem ver a realidade sob diferentes lentes.

O cinema, com sua vasta capacidade de explorar temas, personagens e contextos variados, serve como um espelho que reflete não apenas histórias fictícias, mas também questões profundamente enraizadas em nossa sociedade. Essas narrativas, ricas em camadas e nuances, convidam os espectadores a uma imersão que transcende a passividade, estimulando uma ativa participação mental. Ao sermos confrontados com perspectivas diversas, somos instigados a revisitar e, muitas vezes, reavaliar nossas convicções mais arraigadas.

A “magia” do cinema reside em sua habilidade de conectar-se emocional e intelectualmente com o público, abrindo espaços para a reflexão e o questionamento. É nesse processo de identificação e empatia com os personagens e suas vivências que o espectador encontra um terreno fértil para o desenvolvimento do pensamento crítico. As histórias apresentadas na tela grande atuam como catalisadores que incentivam uma análise mais profunda de nossas próprias vidas e da sociedade em que vivemos.

Por meio da experiência cinematográfica, somos impelidos a desafiar nossas premissas e a explorar novos horizontes de entendimento. Este fenômeno não se restringe ao âmbito pessoal; ele tem o potencial de catalisar mudanças significativas no tecido social. O cinema transcende sua função de mero entretenimento para se tornar uma poderosa ferramenta de transformação social.

As imagens visuais e auditivas, bem como os outros recursos característicos do cinema são capazes de evocar respostas emocionais intensas, permitindo-nos conectar com personagens fictícios e vivenciar as experiências apresentadas na tela, como se fossem próprias. Essas experiências emocionais impactam as nossas memória e

interpretação do filme, bem como, dos temas abordados, possibilitando transformações individuais e sociais.

Por meio da contínua investigação e reflexão sobre a relação entre o cinema, o pensamento e os demais processos psicológicos, é possível compreender melhor o impacto dessa forma de arte em nossa cognição, emoção e percepção de mundo, como também reconhecer o potencial que o cinema tem de desafiar, inspirar e influenciar as experiências comportamentais e atitudinais mais profundas.

REFERÊNCIAS

BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. Neurociências: desvendando o sistema nervoso. 3a ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, SP: Brasiliense, 2008.

CABRERA, Júlio. O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CARRIÈRE, Jean-Claude. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2015.

DAVIDOFF, L. A percepção. In: DAVIDOFF, L. Introdução à Psicologia. São Paulo: MacGraw Hill, 1983. pp. 210-216.

DELEUZE, Gilles. Cinema I – A imagem-movimento. São Paulo, SP: Editora 34, 2018.

DELEUZE, Gilles. Cinema II - A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2013.

KANDEL, E.R. Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LURIA, Alexander Romanovich. A Construção da Mente. São Paulo: Ícone, 1992.

LURIA, Alexander Romanovich. Desenvolvimento Cognitivo. 6ª ed. São Paulo: Ícone, 2010.

LURIA, Alexander Romanovich. Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O cinema e nova psicologia. In: XAVIER, Ismail (org.). A Experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Graal; Embrafilme, 1983. p. 103-117.

METZ, Christian. A significação no cinema. Tradução de Jean-Claude Bernadet. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. O significante imaginário: Psicanálise e Cinema. Tradução de António Durão. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: Xavier, I. (Org.) A experiência do cinema. São Paulo: Graal, 2003.

MYERS, David Guy. Psicologia. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A Formação Social da Mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.